

V ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo
I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
Tendências e ideologias do consumo no mundo contemporâneo
15, 16 e 17 de setembro de 2010 - Rio de Janeiro/RJ

GT 5. Consumo alimentar: ideologias e movimentos

“DESNATURALIZANDO O GOSTO: UMA DISCUSSÃO SOBRE A OBRA “A DISTINÇÃO – CRÍTICA SOCIAL DO JULGAMENTO”, DE PIERRE BOURDIEU”

Amanda Costa Reis de Siqueira¹

Resumo: Este artigo tem a intenção de discutir a idéia de consumo através da discussão da obra “A distinção – Crítica social do julgamento”, de Pierre Bourdieu. Neste trabalho o autor oferece ferramentas de desnaturalização da idéia de gosto e apresenta - teoricamente e através de metodologia aplicada – interpretação de como bens e produtos recebem significações de pertencimento, ou seja, se tornam meios de significar características que se entendem como comuns a um determinado grupo ou classe. Na construção de seus critérios de definição da base social do gosto, objetos, obras de arte, trajes, esportes, comidas foram analisados. No caso da alimentação, ela também aparece como critério diferenciador, capaz de distinguir grupos através da maneira como uma classe come e o que ela seleciona para suas refeições. Nesse sentido, defendendo ser esta uma obra essencial para todos aqueles que trabalham com o tema do consumo - incluindo os interessados em estudar o consumo alimentar -, ao propor um olhar interessado para o uso de bens e práticas simbólicas e sua potencialidade de unir e, ao mesmo tempo, diferenciar grupos sociais.

Palavras-Chave: gosto, consumo, Pierre Bourdieu

¹ Jornalista, Mestre em Sociologia, Política e Cultura (PUC-RIO) e Doutoranda em Sociologia, Política e Cultura (PUC-RIO).

1. Introdução

Quem nunca argumentou ou ouviu argumentos de que “gosto não se discute”? Para Pierre Bourdieu, em sua obra “*A distinção – Crítica social do julgamento*”, gosto se discute, sim. Para ele, aqueles que se valem desta frase colocam o gosto com algo que temos com uma escolha pessoal, que não deve receber intervenções ou discussões. Assim, os critérios de escolha (gosto) variam em cada indivíduo e, portanto, não cabe espaço para questionamentos, para a análise das escolhas de cada um.

Como Bourdieu não se contenta em aceitar o ditado e insiste em discutir o gosto, vai atrás de formas de desconstruir a idéia de gosto como uma decisão aleatória, sem intenções ou sem forças sociais impostas. Nesse sentido, cria uma provocação sobre a maneira inofensiva com que as escolhas se colocam e o quanto esta inofensividade é apenas aparente.

Para ele, aquilo que escolhemos para ouvir, comprar, comer, vestir faz parte de uma seleção que fazemos a partir de uma organização social e do lugar em que estamos nela. Portanto, quando dizemos que gostamos de algo de maneira a parecer que o fazemos “naturalmente” gostamos, na verdade, porque tivemos acesso àqueles produtos, práticas, comidas, e pudemos selecioná-las como coisas que apreciamos.

O gosto não é natural, ele é, de fato, naturalizado, e serve como meio de distinção de uma classe em relação à outra. Ou seja, o gosto não é algo inato, mas sim – e talvez um dos principais – símbolo de poder, de identificação com os semelhantes e exclusão dos que não pertencem ao mesmo grupo. É um código socialmente produzido capaz de identificar e diferenciar grupos.

O ponto-chave deste trabalho do autor está exatamente em demonstrar que o gosto é algo socialmente construído e, além disso, que é constantemente reconstruído. E ele o faz afirmando que cada classe ou parte de uma classe - que se coloca também a partir de certas escolhas, isto é, que utiliza de modos de vestir, comer, agir, etc., para se dizer de uma classe -, não seja entendida apenas por critérios econômicos, por exemplo, mas também por suas práticas e consumos que simbolicamente colaboram para a distinção entre elas.

E Bourdieu vai além ao propor que, através do gosto, é possível identificar hierarquias sociais, modos de consumo e de tensões entre classes e suas frações, etc. Com isso,

tenta mostrar que as escolhas são maneiras de apontar distinções sociais, são formas de marcar o lugar social, o grupo a que pertence cada indivíduo.

A aposta do livro está exatamente em pesquisar o modo de vida dos indivíduos e, através dele, interpretar o que estes chamam de gosto. O autor constrói um caminho teórico e metodológico de apurar, através destas escolhas, como os grupos se colocam, como sua maneira de usar e selecionar bens e práticas sociais acabam por produzir um modo de diferenciação entre os mais variados grupos e, sob este aspecto, discutir de modo que o consumo material e simbólico está presente nas distinções sociais².

Também aposta na relevância dos acessos que estes tiveram a tais escolhas, principalmente, ao questionar o modo como essas escolhas lhes pareciam naturais, livres e aparentemente não baseadas em critérios de exclusão, já que, de fato, nem todos os bens e práticas são acessíveis, nesta fase de escolhas, a todos os grupos sociais.

Durante todo o texto, Bourdieu retoma alguns de seus principais conceitos, como o de *habitus* e de *tipos de capital* (cultural, social, econômico) para verificar as trajetórias sociais dos indivíduos. Para este trabalho, leva em conta a origem familiar, o tipo de educação, os acessos a bens culturais, entre outros, para delinear as escolhas normalmente naturalizadas pelos seus entrevistados.

Quando se preocupa com a origem familiar do indivíduo, investiga a profissão dos pais do indivíduo, o acesso que teve a livros, museus, músicas, alimentos, esportes, etc., para entender o que sempre lhe pareceu natural de compartilhar com seus familiares e outros que partilharam de sua trajetória social.

Na escola, também existem tipos de educação, de filosofias escolares, de escolha por parte dos familiares por um determinado local de ensino que contribuem ativamente para as escolhas dos indivíduos. A escola atua diretamente no tipo de formação de seu aluno e, além disso, é fator preponderante nas seleções simbólicas do mesmo.

Os critérios econômicos também são levados em consideração nas entrevistas de Bourdieu pois os tipos de profissão, os modos como o capital econômico é acumulado em

² A escolha do título da tradução para a língua espanhola é mais clara e mais explícita quanto a intenção analítica do autor. Em espanhol, o livro ficou traduzido como “La distinción. Criterio y bases sociales del gusto”. Já na escolha do título se coloca mais claramente a proposta de discutir que existem nas escolhas possibilidades de análise dos grupos sociais e suas posições na sociedade a partir dos critérios de gosto.

cada família, apresenta ao indivíduo certos tipos de escolha capazes de influenciar seu modo de vida também na sua diferente acumulação de capital social e cultural.

Em outras palavras, o que “*A distinção – Crítica social do julgamento*” pretende é problematizar as escolhas dos bens e práticas dos grupos sociais desconstruindo a idéia de que há um consumo natural destes. Pretende demonstrar como são culturalmente construídas as idéias de gosto e o uso dos elementos que o compõem e, indo além, como eles podem ser formas importantes de diferenciação social e de manutenção da distância entre os grupos.

O gosto, estas “preferências manifestadas”, são indicadores dos diferentes estilos de vida. Pelo uso e classificação das coisas podemos olhar as diferentes classes e subclasses e produzir interpretações de como suas escolhas produzem critérios de distinção entre os grupos.

E esta classificação dos grupos a partir daquilo que escolhem como sendo suas preferências existe, pois, para o autor, são criados mecanismos para naturalizar as diferenças sociais, isto é, são construídas, nas mais diversas esferas, uma estrutura social e simbólica que envolve desde o tipo de educação, a origem familiar, o tipo de trabalho, entre outros, para reforçar as diferentes características e acessos dos grupos sem que isso seja visto explicitamente enquanto um critério distintivo.

2. Repercutindo...

A partir do entendimento de que as escolhas que fazemos são naturalizadas e não naturais, já que estão ancoradas em critérios sociais, é que podemos produzir análises sobre bens e práticas. O esforço de Bourdieu de manter um olhar social para escolhas simbólicas precisa fazer parte de nosso olhar para os objetos, temas que pesquisamos.

E, ainda, além de um olhar atento para a não naturalização do consumo³, é preciso que as análises sobre qualquer que seja o objeto percam a pretensão de serem análises definitivas. O que quero dizer é que bens e práticas que distinguem grupos sociais, que são capazes de colaborar para as diferenciações entre classes são constantemente

³ Veja que o termo “consumo” surge com intenção de representar o uso de bens e práticas não apenas materiais, mas, também, simbólicas.

reconstruídas. Ou seja, o gosto é constantemente reconstruído e, portanto, o tipo de consumidor e suas características não são estanques.

Para dar um exemplo de objeto analisado em “*A distinção*”, Bourdieu questiona seus entrevistados sobre suas preferências alimentares. Aqueles das classes mais altas tinham acesso e apreciação maior pelo caviar. Este é um produto que é visto como sendo característico da elite, como sendo parte do efeito hierarquizante que o gosto pode produzir “naturalmente”. No entanto, a escolha deste produto como sendo característico das classes mais favorecidas pode mudar e ele pode passar a ser consumido por outras classes.

Quando isso ocorre, são outras as formas de diferenciação que se tornam mais evidentes e fazem com que a diferenciação entre os grupos possa ser mantida. Ou seja, se anteriormente a possibilidade de consumir o caviar já definia o grupo social, agora são outros os critérios que vão aparecer de maneira a que a distinção entre os grupos ainda se estabeleça.

O que quero dizer com isso é que, por exemplo, as formas de diferenciação poderão surgir pelo tipo de caviar mais caro, que ainda será considerado apenas pela elite, ou, de modo mais sutil, pelo local onde é consumido que ainda pode ser restrito ao um grupo, por aqueles que compartilham daquela refeição, que são os que possuem a mesma origem social, etc.

Veja que não é uma distinção pura e simplesmente realizada pelo consumo, pelo uso do caviar, são muitos os fatores que conferem ao consumo, através do uso de bens e práticas, tipos de *status*, de classificações sociais. Não é apenas poder comprar, poder ter e poder usar, há elementos simbólicos capazes de conferir “tipos de autoridade” ao uso do objeto.

Nesse sentido, é preciso levar em conta como consumir, em quais locais, pois os critérios de distinção são variados e muitas vezes há códigos de um grupo que é capaz de distinguir os indivíduos e suas classes por sutilezas simbólicas. Mesmo estando alguém de outra classe consumindo um mesmo produto, num mesmo local, ainda há como identificar diferenças.

Com o exemplo do consumo do caviar mostra-se a possibilidade de bens e práticas das classes altas serem apropriados por outras classes e, do mesmo modo, bens das classes baixas acabam sendo apropriados pela elite. Ainda usando a gastronomia como objeto, é

comum ver *chefs* de restaurantes sofisticados utilizando alimentos considerados populares na criação de novos pratos, o que demonstra a importância da análise dos bens e práticas em movimento, a partir da aposta na constante possibilidade de apropriação que as classes são capazes de produzir.

3. Características sociais

O que ainda não foi comentado é que esta distinção entre classes através de suas escolhas são também fonte de reconhecimento das características de cada sociedade. Ou seja, quando são analisados os critérios e bases sociais do gosto é preciso que se leve em consideração que as diferentes culturas, que as peculiaridades de cada local produzem diferentes modelos de escolhas, de “criação” da idéia de gosto.

As variáveis culturais são primordiais para a construção de uma análise sobre o gosto. E, se ele já não é uniforme numa mesma sociedade, é muito menos quando comparamos diferentes sociedades.

Ao longo do livro, o leitor verá perguntas sobre tipos de alimentos, de músicas, livros, atividades esportivas, critérios educacionais, obras de arte, entre outros fatores considerados para definição do gosto e sua importância na demarcação dos grupos sociais, que não caberiam numa análise sobre a distinção dos grupos sociais brasileiros, por exemplo. Portanto, faz-se necessário interpretar o texto, tê-lo como inspiração, usá-lo como fonte teórica e/ou metodológica atento de que foram usadas as características culturais, sociais e econômicas francesas.

Mas o fato de ser a obra uma interpretação sociedade francesa não há faz menos rica. Pelo contrário, ao longo do texto, me pagava constantemente pensando em como seria possível produzir tal análise na sociedade brasileira, em quais seriam os tipos de questões, de bens e práticas que se colocariam como protagonistas das diferentes classes e como, a partir das escolhas dos indivíduos poderiam ser interpretadas as construções e reconstruções do que culturalmente chamamos de gosto.

4. Conclusão

Até o momento, me vali da obra de Bourdieu para lembrar e relembrar a todos que desejam produzir pesquisas sobre consumo que é preciso desnaturalizar as escolhas

daqueles que serão seus interlocutores, ou seja, levando em consideração que o gosto é algo construído e reconstruído e que se torna bem-sucedido ao parecer ser natural.

Além disso, busquei problematizar a noção de gosto quando comparamos diferentes culturas ao lembrar que a heterogeneidade de escolhas existe dentro e fora das sociedades.

Aproveito da conclusão - que não tem por objetivo concluir coisa alguma sobre o texto pois me daria por satisfeita de ter despertado a curiosidade do leitor de buscar esta obra para que você produza a sua própria interpretação sobre ela – para encerrar com duas provocações ao texto e problematizar alguns dos pontos de vista do autor.

A primeira delas se refere à idéia de pertencimento que ao longo do texto se apresenta fortemente ligada a um conceito de classe que me parece datado. Ou seja, o autor ainda dá muita ênfase a uma relação entre os indivíduos produzidas por critérios de classe num sentido que remete a um tipo de sociedade industrial e, talvez, ao pensarmos numa sociedade pós-industrial, como a que nos encontramos atualmente, seriam outras as características mais aparentes na ligação dos indivíduos em grupos.

A outra provocação se dá ao perceber que o autor oferece pouca, ou quase nula, possibilidade de protagonismo dos atores, dos indivíduos. Ao tratar de uma sociedade com classes aparentemente bem-definidas e de uma estrutura social que coloca os indivíduos em grupos delimitados, Bourdieu contempla a força de um todo que atua sobre os indivíduos de modo a deixá-los sem espaço para modificar os estilos de vida por ele descritos. Dessa forma, os atores entram e saem de cena sem fazerem diferença, apenas seguem uma lógica, uma estrutura bem montada que os cerca e os limita, deixando a eles poucas possibilidades além daquelas que já lhes foram socialmente traçadas.

No entanto, a possibilidade de pensar sobre a formação de critérios de gosto sob uma nova perspectiva que não a de classes no formato de Bourdieu e o questionamento da possibilidade de que os atores possam ser mais atuantes na criação de mudanças nos estilos de vida são questões por mim formadas exatamente porque entendo que este texto também pode receber uma interpretação onde eu possa criar meus critérios de seleção e relevância, ou seja, onde eu possa manifestar o meu gosto.

E quem disse que gosto não se discute?

Referências Bibliográficas:

BOUDIEU, Pierre. **A distinção. Crítica social do julgamento.** Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Lá distinción. Criterio y bases sociales del gusto.** Buenos Aires: Taurus, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1977.